

A 28ª Bienal vista do Olimpo

Guido Arturo Palomba

Cláudia Furlani



Artista: *Alloab de Loló (labrador, fêmea de 5 anos)*

Dimensões: *cerca de 15 cm*

Técnica: *material orgânico sobre grama São Carlos*

Título: *28ª Bienal*

Inaugurou-se dia 26 de outubro (finalizada em 6 de dezembro) a 28ª Bienal Internacional de São Paulo, a qual foi chamada de Bienal do Vazio, pois todo o segundo pavimento do Pavilhão Bienal, no Parque do Ibirapuera, ficou propositadamente sem obras.

Os organizadores, com isso, pretenderam criar polêmicas, reflexões e discussões sobre o papel das artes e basearam-se na máxima: “os vazios são sempre cheios”. Tal fato subiu ao Olimpo e engendrou o curioso diálogo entre Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso.

Parmênides: “Que horror essa Bienal do Vazio! Ela não existe, pois se é vazia, não é e está acabado. Afinal, *o ser é, o não ser não é.*”

Heráclito: “Nada disso: tudo é *vir-a-ser*. Lembre-se de que para aqueles que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas, ou seja, não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. O vazio está cheio de potência, capaz de estimular pensamentos; as pessoas vão refletir, propor, ponderar.”

Parmênides: “Não concordo, refletir, ponderar o quê? As coisas existem em ato, um cavalo é um cavalo, um copo é um

copo, somente para as crianças, que têm desenvolvimento mental incompleto, bem como para os adultos com desenvolvimento mental retardado, é que uma vassoura é uma vassoura e também o seu cavalo, e assim mesmo é preciso a vassoura; do contrário, nem cavalo é. E vazio é vazio e ponto. Essa Bienal do Vazio não tem conteúdo em ato.”

Heráclito: “Evidentemente que tem, pois se há potência tem-se alguma coisa, e alguma coisa é alguma coisa, segundo as suas próprias idéias.”

Parmênides: “Mas não tem ato, portanto não tem coisa.”

De repente, entra na sala o magno **Aristóteles de Estagira** e diz: “Calma, meus amigos. Eu os escutava curioso. Na verdade, vocês estão esgrimindo sem razão. De um lado, o amigo Parmênides, com o seu *o ser é, o não ser não é*; do outro, o amigo Heráclito, com o seu *vir-a-ser*, estão ambos corretos.”

Parmênides e **Heráclito**, juntos, bruscamente interrompendo: “Parado, parado, ou é ou é *vir-a-ser*, um exclui o outro”.

Aristóteles, intervindo com energia: “Não exclui, compõe, é tudo questão de potência e de ato. Os seres existem em ato e em potência ao mesmo tempo. O germe é germe e também potência da palma. Somente Deus é ato puro, mas isso é outro assunto. Por que vocês não aplicam os meus princípios de lógica formal para concluir na mesma direção?”

Heráclito: “Não entendi. Acho que você saiu pela tangente e nada disse sobre o vazio da Bienal, se tem ou não potência, se é bom ou ruim.”

Parmênides: “É verdade, mas eu mantenho o meu ponto de vista: o vazio somente existe em relação ao cheio, o cheio é, o vazio não é. Se não é, não é.”

Aristóteles: “Ambos discutem, pois não puderam ler meus escritos; afinal, nasci 100 anos depois da morte de vocês. Dessa forma, não se entenderão nunca: são dois pontos de vista corretos, mas incompletos.”

Parmênides e **Heráclito**, ao mesmo tempo: “Está bem. E quanto à Bienal do Vazio, não sofisme, sem filosofia, em linguagem terrena, diga, que pensa?”

Aristóteles: “Querem saber? É a maldição de Marcel Duchamp, que, ao expor o urinol, atingindo o acme da extravagância, da excentricidade e do singular, deu-se o direito de usá-lo depois que veio para cá. Ele está apertado, tentando acertar *A fonte* aqui de cima. No entanto, como vocês estão vendo, cai para fora, respingando na cabeça de muitos artistas ditos dos anos 1980 e dos curadores de plantão.”

Parmênides: “Você tem razão, não percamos tempo com a bobagem da Bienal do Vazio: vou visitar Sacilotto, que está trabalhando no ateliê de Malevich.”

Heráclito: “Eu vou jantar com o Pollock; o Manabu vai aparecer para a sobremesa. Quer vir Aristóteles?”

Aristóteles: “Não, obrigado, vou comprar uma camisa xadrez para o Banquete de Platão, em homenagem ao centenário de nascimento do Silva, logo amanhã.”

Parmênides: “Estou sabendo, o Aldemir e o Gerchman, recém-chegados, confirmaram presença.”

Heráclito: “Disseram que vão barrar os penetras. O Bardi, o Ciccillo e o Spanudis serão os guarda-portões.”

Aristóteles: “Fiquei sabendo que a Mira não foi convidada. Castigo pelas duas mil monotípias. Boa tarde amigos.”

Parmênides: “Boa tarde.”

Heráclito: “Boa tarde.”

Personagens

Parmênides de Eléia (Acme de sua existência, ano 500 a.C.) — Filósofo pré-socrático.

Heráclito de Éfeso (Acme de sua existência, entre 504 a.C. a 500 a.C.) — Filósofo pré-socrático.

Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.) — Filósofo.

Marcel Duchamp (1887-1968) — Pai do *ready made*, que consiste em transportar elementos da vida cotidiana, *a priori* não-artísticos, para o campo das artes. Destaca-se, entre suas obras, *A fonte*, de 1917, um urinol masculino, comum, branco, esmaltado, assinado e datado.

Kasimir Malevich (1878-1935) — Ucraniano, pai do concretismo. Em 1915 expôs a mais representativa de suas obras, *O quadrado negro sobre fundo branco*, para ele, o “zero das formas”.

Luiz Sacilotto (1924-2003) — Grande concretista brasileiro.

José Antonio da Silva (1909-1996) — Grande primitivista brasileiro.

Aldemir Martins (1922-2006) — Grande artista plástico brasileiro.

Rubens Gerchman (1942-2008) — Grande artista plástico brasileiro.

Jackson Pollock (1912-1956) — Um dos pais do expressionismo abstrato.

Manabu Mabe (1924-1997) — De origem japonesa, grande abstracionista brasileiro.

Pietro Maria Bardi (1900-1999) — De origem italiana, amante das artes plásticas, criou o Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1947.

Ciccillo Matarazzo (1898-1977) — De origem italiana, mecenas, criou a Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), em 1946.

Theon Spanudis (1915-1985) — De origem turca, filho de gregos, psiquiatra no Brasil, grande crítico de arte. Foi também importante colecionador de arte das décadas de 1950 e 1960.

Mira Schendel (1919-1988) — De origem suíça, artista plástica consagrada por alguns críticos e rejeitada por outros.

Guido Arturo Palomba
Médico

Professor Sebastião de Almeida Prado Sampaio

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Agosto, 2007. A tarde ensolarada foi propícia para eu ir à faculdade tratar do meu recadastramento. E melhor, proporcionou-me ver o magnífico restauro de seu exterior, que a tornou novamente bela!

Recordo-me com orgulho e muita melancolia: foi pelos meus doze anos de idade que a vi pela primeira vez, mostrada por meu pai em um dos nossos bons passeios: “é o maior edifício (extensão) de São Paulo”, disse-me ele. Tal impressão parece ser perpétua em minha vida!

Lá voltei anos depois, seguro, em companhia de meu pai, para o exame de habilitação (pré-médico). Entretanto, no “dia de calouro”, ao descermos em frente, ele deixou-me como que decretando: “agora você segue sozinho...”.

Quando iniciei o curso médico, Sebastião Sampaio terminava atendendo ao anseio materno; e eu, ao meu pai que desejava para mim uma profissão promissora. Para além daquelas paredes frias, curso afora, aprendia-se na tragédia do cadáver desconhecido a glória de preservar vidas.

Tive ímpeto de sentar-me em um dos novos bancos frente a sua entrada principal para, extasiado, olhar todo o prédio: suas portas, janelas, andares, jardins e ver o passado por meio daquela paisagem! Mas o sol deveria se esconder, e eu não quis me sentir outra vez sozinho...

Passou-se o ano. Ontem precisei voltar. Dessa vez, o sentimento de solidão foi mais profundo — eu havia perdido um amigo dos velhos tempos. A faculdade, mais bela à noite, sob luzes amarelas e brancas entremeadas por sombras, parecia ornada para receber o antigo aluno — Sebastião de Almeida Prado Sampaio. Ele foi predestinado a tornar-se um professor que colaboraria para o engrandecimento daquele lugar, desenvolvendo e modernizando a especialidade. Como precursor da cirurgia dermatológica — formou especialistas e professores que, por sua vez, fizeram escolas —, sua atuação universitária, fundamentada em produção científica, ganhou prestígio internacional, com naturalidade.

Concomitantemente ao cargo de professor catedrático/titular de Dermatologia da FMUSP, foi diretor clínico do Hospital das Clínicas por muitos anos. Incentivador de um

dinamismo “elétrico”, deixou-me perplexo quando, certa vez, o convidei para escrever um capítulo de um livro a editar, enquanto ele, irrequieto, parecia alheio ao meu planejamento. Surpreendi-me, porém, quando entregou-me a colaboração — perfeita; nenhum dos colaboradores apresentou algo tão bem organizado, sem faltar pormenor do que eu havia solicitado!

Em outra ocasião, atendendo a pedidos, desdobrou-se para, brilhantemente, desempenhar importantes atividades associativas — Associação Paulista de Medicina (secretário geral), Conselho Regional de Medicina e Associação Médica Brasileira (presidente).

Na clínica particular, o seu sucesso foi amplo. Ademais, no próprio consultório, além dos assistentes fixos, recebia estagiários regularmente. No “Centro Médico Itacolomy” reforçamos nossa intimidade pelo convívio freqüente. Não houve companheirismo social, raramente nos visitávamos, exceto por necessidade profissional.

Há duas semanas, contudo, ele me pediu para ir à sua residência e, já debilitado, permitiu-se ficar por aproximadamente horas recordando os antigos tempos de faculdade e HC. Concordamos que nos fazia muita falta a ausência cada vez mais pronunciada de companheiros, dado o fim do hábito das visitas desinteressadas — regra geral da modernidade!

A última etapa da vida fica bem mais curta quando se perde um amigo...

Hoje indaguei-me o porquê da nossa amizade e não demorei a acertar: confiança absoluta, mútua! É isso mesmo, pude concluir com segurança. E, como um adeus, dedicou-me o livro *Trajatória de um mestre da dermatologia*.

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
Professor de Medicina e Escritor

Vieira, um homem além do seu tempo

Helio Begliomini

“Os tempos parecem que estão pedindo que se edifiquem antes muros e castelos, que templos, mas esse privilégio têm nomeadamente os templos do Santíssimo Sacramento, que são as melhores fortificações dos reinos”.

Antônio Vieira (1608-1697), sermão do “Santíssimo Sacramento”, de 1645.



1608-1697

Este ano de 2008 é especial para a literatura brasileira, pois se comemoram os 400 anos de nascimento de Antônio Vieira, sacerdote, diplomata, historiador, missionário, eloqüente orador e culto literato.

Antônio Vieira nasceu em um lar humilde, na Rua do Córrego, perto da Sé, em Lisboa, no dia 6 de fevereiro de 1608, sendo o primogênito de quatro filhos. Seu pai, Cristóvão Vieira Revasco, alentejano, serviu a marinha portuguesa e foi por dois anos escrivão da Inquisição, mudando-se para o Brasil, em 1609, para assumir o cargo de escrivão, em Salvador, na capitania da Bahia. Sua mãe, Maria de Azevedo, lisboeta, ensinou-lhe a ler e a escrever. Sua avó paterna era negra, conferindo-lhe características dessa raça.

Em 1615, Antônio Vieira, com seis anos, mudou-se com sua mãe para a Bahia, ao reencontro do pai. A propósito, se lhe aplica a frase que ele mesmo escreveu: *os portugueses têm um pequeno país para berço e o mundo todo para morrerem.*

Em 1623, entrou para o colégio dos jesuítas, em Salvador, única escola existente na Bahia. No início não era um bom aluno, mas o tempo fê-lo brilhante. Dedicou-se ao estudo

das línguas nativas, tornando-se noviço. Estudou muito, além da teologia, lógica, física, metafísica, matemática e economia. Em 1626, foi enviado para o colégio de Olinda (PE), no qual ensinou retórica. Obteve o mestrado em artes e foi professor de humanidades. Já pregava seus “sermões”, em 1633, em Salvador, antes mesmo de ser ordenado sacerdote, em 1635, ocasião em que ensinava também teologia.

Seu sermão “Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as da Holanda”, proclamado em maio de 1640, foi inspirado pela segunda invasão holandesa no nordeste do Brasil (1630-1654).

Motivado pela restauração da monarquia portuguesa, em 1640, quando foi aclamado rei D. João IV, ele proferiu em 1º de janeiro 1642, na capela real, o sermão do “Ano Bom”, consolidando sua carreira diplomática iniciada no ano anterior. Demonstrando vivacidade de espírito como orador, foi nomeado pelo rei de pregador régio. No ano seguinte, sugeriu ao rei a criação das Companhias de Comércio e o cultivo, no Brasil, de especiarias da Índia. Em 1646, em nome da Coroa portuguesa, foi enviado à Holanda para negociar a devolução do nordeste, e, no ano seguinte, esteve em missão na França.

Entretanto, os portugueses não gostavam de suas pregações em favor dos judeus. Apesar de ser criada a Companhia Geral do Comércio, em 1649, idéia sua, começaram as primeiras denúncias a seu respeito para a Inquisição. Nesse mesmo ano foi ameaçado de expulsão da Ordem dos Jesuítas, mas D. João IV se opôs.

Vieira retornou ao Brasil e foi designado superior dos missionários jesuítas no Pará e Maranhão (1653-1661), onde pregou seu “Sermão das Tentações”, o primeiro grande sermão contra a escravatura. Ele era ferrenho defensor da liberdade indígena. Aliás, eles o chamaram de “paiaçu” que em tupi significa “grande padre/pai”. Sua atuação e idéias

fizeram com que ele e outros jesuítas fossem expulsos pelos colonos do Maranhão, em 1661.

Com a morte de D. João IV, Vieira retornou a Portugal, tornando-se confessor da regente, Dona Luísa de Gusmão. Entretanto, com a morte de D. Afonso VI, ele não teve apoio na Coroa portuguesa.

Uma carta intitulada “Esperanças de Portugal” (1659) ao seu amigo padre André Fernandes, bispo do Japão, na qual expunha suas idéias de Portugal ser o Quinto Império do mundo, serviu de estopim para que fosse instaurado, em 1662, um processo pela Inquisição, por delito de heresia, condenando-o à prisão dois anos após. Ficou confinado durante o processo. Apesar de sua defesa, em 1666, foi condenado, tornando-se encarcerado no Porto e, depois, em Coimbra. Em 1667, foi interdito de pregar, sendo perdoado pelo Santo Ofício somente em maio de 1668. De 1669 a 1675 esteve em Roma, tentando anular as limitações impostas a ele pela Inquisição. Tal intento foi bem-sucedido, uma vez que consentido pelo Papa Clemente X. Deslumbrou a Cúria com seus discursos e sermões. Com apoios poderosos, renovou sua luta contra a Inquisição, cuja atuação considerava nefasta para o equilíbrio da sociedade portuguesa. Obteve um breve pontifício que o tornava apenas dependente do tribunal romano. Voltou para Lisboa por ordem de D. Pedro, mas afastou-se dos negócios públicos.

Vieira publicou o 1º volume dos *Sermões*, em 1679, obra planejada por ele para ter doze volumes, que intitulou de *Editio princeps*. Em 1681, retornou a Salvador e, no ano seguinte, foi criada a Companhia do Comércio do Maranhão, por ele sugerida. Dedicou-se com afinco à escrita e, em 1697, preparou para publicação o 12º volume dos *Sermões*, que seria editado *post-mortem*, em 1699. Suas obras começaram a ser publicadas na Europa, onde recebeu muitos elogios, paradoxalmente até da Inquisição. Vieira possuía cerca de 500 cartas que foram publicadas em três volumes. No seu entender, nada da realidade terrena, cuja origem é obra de Deus, pode ser ignorada, pois tudo tem uma razão de ser.

Além dos *Sermões*, sua obra-prima, escreveu *A história do futuro*, *A defesa perante o Tribunal do Santo Ofício* (1666) e *Clavis prophetarum* (*Chave dos profetas*), esta última redigida em latim, que consistia em um livro de profecias que nunca concluiu. Em *A história do futuro*, acreditava que Portugal, após a era dos grandes descobrimentos, seria o Quinto Império, na

sucessão do persa, assírio, grego e romano, uma vez que estava presente em todos os continentes conhecidos. Com uma única diferença dos demais: Portugal levaria o reino cristão a todos os povos da Terra. Tal convicção calcava-se fortemente na restauração da coroa portuguesa após ficar 60 anos sob o jugo espanhol (1580-1640). Assim, a expressão “país do futuro”, tão brasileira, tem, consciente ou inconscientemente, em Vieira, também sua origem.



Primeira página de História do futuro, edição de 1718.

Vieira foi um religioso politizado, reformista e interventor. Sua formação jesuítica ensinou-lhe a encarar com urgência as coisas terrenas. É de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, em 1534, o pensamento: “não tem que olhar para o céu, mas para as cegueiras do mundo”. Em outras palavras, nada que está no mundo é alheio à mesma fonte divina.

Vieira, homem atemporal do século XVII, também aprendeu com os jesuítas que se deve chegar ao outro por meio da assimilação, e não pela escravização, contra a qual se posicionou na questão indígena.

Ele entendia a expressão teológica “união mística” entre Deus e o cristão aplicável também à união do corpo social com o político do Estado (governados e governantes), em um clima de concórdia. Conseqüentemente, entendia que “amar ao próximo” não é apenas uma das virtudes que todo o cristão deve perseguir mas também uma maneira de fortalecer o Estado católico, entendido como lugar singular de comunicação entre Criador e o homem. São suas palavras no sermão do “Santíssimo Sacramento”, de 1662: *O corpo de Cristo, a quem comungamos, como é um só e o mesmo em todos os que o comungam, a mesma unidade que tem e conserva comido comunica aos que o comem. E assim todos, por mais e mais que sejam, ficam não já muitos, senão um só (...). Com esta união tão unida e tão uma, ficaremos todos, não só unidos, senão aunados com Cristo, entre nós e conosco: unidos pela graça e aunados pela unidade.*

Para ele, a política tem sua legitimidade em virtude da hierarquia de leis implantadas por Deus na criação, e a história seria a maneira de Deus falar aos homens. O “Sermão do Bom Ladrão”, escrito em 1655, não deixa de ser uma sátira inteligente e contundente à associação da política com a rapinagem, como se observa nos tempos atuais. Eis um fragmento antológico: *Os teus príncipes são companheiros dos ladrões. E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões porque talvez os defendem. E são, finalmente, seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.*

Vieira previu a globalização da economia. Segundo o autor, o poder de Portugal deveria estar assentado em uma base cultural, por meio do idioma, e, outra, econômica. Nesse sentido, achava que o dinheiro dos cristãos-novos, advindos do judaísmo e perseguidos pela Inquisição, fato que ele não concordava, deveria ser aproveitado para financiar a presença portuguesa no mundo, a fim de conquistá-lo e dominá-lo pela economia. Assim, entendia que a Inquisição era contrária ao destino expansionista de Portugal, visto que se apropriava dos recursos econômicos dos cristãos-novos e dividia-os entre os acusadores.

Nele se mesclavam harmonicamente a práxis e o mundo das idéias, ou seja, o homem visionário e o pragmático, o sonhador e o realista, o talento e a humildade, e, por ele ter levado esse legado, aparentemente contraditório, às últimas conseqüências, em uma época que não deveria ter sido a sua, foi reprimido pela própria Companhia de Jesus e pela Inquisição — tribunal eclesiástico que julgava os crimes contra a fé —, que o prendeu para silenciar sua pregação.

Sua humildade pode ser captada no sermão do “Quarto Domingo do Advento”, de 1657, pregado na igreja matriz de São Luís do Maranhão: *Comove-me muito mais a imagem dos meus pecados do que essa imagem de Cristo crucificado. Porque diante da imagem de Cristo crucificado, eu sou levado a ensoberbecer-me por ver o preço pelo qual Deus me comprou. Mas diante da imagem dos meus pecados, eu sou levado a apequenar-me, por ver o preço pelo qual eu me vendi. Quando vejo que Ele me comprou com todo o seu sangue, eu não posso deixar de pensar que eu sou muito, eu valho muito. Mas quando vejo que eu me vendi pelos nada no mundo, aí penso que sou nada, valho mesmo é nada.*

Ainda predomina nos meios acadêmicos a idéia nacionalista de que a literatura brasileira só tenha iniciado após a colonização. Isso faz com que não se dê o devido lugar a Vieira como o fundador da língua. Alguns estudiosos consideram que Vieira foi para o português o que foi Dante para o italiano e Cervantes para o espanhol. Aliás, o próprio Fernando Pessoa lhe chamou de o “imperador da língua portuguesa”.

O destaque literário de Vieira, observado no seu sermão com mais de 200 espécimes diferentes, que procuram desvendar aos seus ouvintes e leitores a mensagem de Deus contida nos textos bíblicos, deve-se ao seu raciocínio inventivo expresso em analogias e metáforas, e não na lógica, bem como a um estilo que prima pela clareza e simplicidade, recheado de oralidade e repetições.

Em 1688, Vieira foi nomeado visitador-geral dos jesuítas no Brasil, ficando no cargo até 1691, quando resignou por for força da idade e da falta de saúde. Já velho e doente, teve que espalhar circulares sobre a sua saúde para poder manter em dia sua vasta correspondência. Em 1694, já não conseguia escrever de próprio punho. Em 10 de junho desse ano começou sua agonia. Perdeu a voz e silenciaram seus discursos. Antônio Vieira faleceu em Salvador, em 18 de julho de 1697, aos 89 anos. O baú onde estavam muitos dos seus manuscritos não foi encontrado. Em 1720, os seus ossos, enterrados no colégio dos jesuítas, foram colocados em uma urna, que também inexplicavelmente desapareceu.

Helio Begliomini

Membro da Academia de Medicina de São Paulo
e da Academia Cristã de Letras

Remédios

José Carlos Barbuio



Disponível em: <<http://picasaweb.google.com/1h/view?q=farm%C3%A1cia%20antiga&psc=G&filter=1#5228554952668808210>>.

Um tio, já falecido, dizia-me que os ônibus de São Paulo, pelos idos de 1950, exibiam o anúncio de um elixir para os brônquios, chamado Rum Creosotado, de um modo “poético”:

“Veja, ilustre passageiro,
Que belo tipo faceiro
Você tem a seu lado.
Entretanto, acredite,
Quase morreu de bronquite.
Salvou-o o Rum Creosotado”.

Foi-se a poesia. Foi-se o convite velado, ficou a propaganda desabrida. O farmacêutico, que ouvia com atenção as queixas, deu lugar às redes de drogarias, monumentais e impessoais. E as bulas de remédios? Cada vez mais longas e técnicas. Tive um amigo, chamado Gervásio, que, ao contrário da maioria das pessoas, adorava lê-las. Dizia que eram tão bem escritas que poderiam ser classificadas como pequenas “obras-primas”. Ele chegou até a comprar uma lente para ler melhor aquelas letras miúdas. Lia, em voz alta, as fórmulas, a composição química, os trabalhos científicos realizados, como em uma liturgia. O título que ele mais gostava era, sem dúvida, o das “Informações ao Paciente”. Ele ficou tão familiarizado com os termos médicos que já não pedia aspirina, e sim ácido acetilsalicílico. Quando vieram os genéricos, os princípios ativos usados já eram seus velhos conhecidos.

Certa vez, um médico receitou-lhe uma pomada cicatrizante chamada, acho eu, Trofodermim. Gervásio perguntou:

“O que é isto?”. O médico disse-lhe que era acetado de clostebol e sulfato de neomicina. Gervásio respondeu: “Ah! bom. Por que o senhor não me disse antes?”.

Em outra ocasião, com azia, comprou um remédio, indicado por um amigo. Abriu a caixa e leu, embevecido, a bula. À noite já estava bom. Só depois percebeu que tinha esquecido de tomar o medicamento.

Quando leu nos jornais que o governo pretendia, com um projeto de lei, simplificá-las, Gervásio ficou apavorado, até mandou cartas reclamando. Contudo, o seu namoro com elas acabou quando lhe foi receitado um remédio novo, um “lançamento”. Ele ficou paralisado quando, no título “Efeitos Colaterais”, leu: “O medicamento pode provocar cefaléia, dores musculares, náuseas, diarreia, anormalidade da função hepática, trombose, parada cardíaca e *morte*”. Foi um choque. O autor daquela pequena obra-prima, talvez em um arroubo de grande perfeccionismo técnico, tinha, com certeza, extrapolado. Hoje, Gervásio só toma remédio sob rigorosa prescrição médica. Bula, nem pensar.

Em tempo: vale um reparo. O Rum Creosotado não era tão bom assim, devido à quantidade de álcool que continha. E a propaganda da época não era tão velada, mas nada comparável com as de hoje, acintosas, que chegam até mesmo a influenciar alguns médicos. Sejamos (às vezes) saudosistas, mas não *nostálgicos*.

José Carlos Barbuio
Advogado e Escritor

Sebastião de Almeida Prado Sampaio

Presidente da AMB — 1961-1963 / Presidente do CREMESP — 1963-1968

João Sampaio de Almeida Prado



Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u458226.shtml>>.

“Aprendi tudo que me ensinaram e ensinei tudo que aprendi.

Só conheço um lugar onde sucesso vem antes do trabalho: é no dicionário.

Professor Sampaio, por tudo que fez nos campos da pesquisa, ensino, diagnóstico e terapêutica, e por sua vasta e diversificada atuação em favor da classe médico-dermatológica, tornou-se proeminente referência, um divisor de eras. A dermatologia brasileira é demarcada por sua influência direta: antes e depois dele. Esse fato é testemunhado por outros médicos, especialmente seus ex-alunos, professores e especialistas de renome.

Todos, sem exceção, enfatizam seu entusiasmo incomum, apontam sua energia inesgotável ou assinalam sua imensa importância no desenvolvimento científico e na excelência dos serviços que chefiou e liderou, características que constituem, até hoje, um modelo a seguir.

Entre outras realizações, criou o tratamento com derivado da vitamina A (isotretinoína) para acne vulgar, que hoje é seguido no mundo todo, e o sinal de Sampaio, que fecha

diagnóstico em alopecias cicatriciais, em particular na pseudopelada de Brocq.

Nada poderá ser atribuído ao exagero ou à bajulação, porque as manifestações atestam fatos e se justapõem a eles, como um reflexo de uma de suas mais eloqüentes confissões: “Eu sempre acreditei que para vencer é preciso lutar, sofrer, suportar e nunca desanimar. Fiz da dermatologia uma razão para minha vida”.

O autor dessas palavras chama-se Sebastião de Almeida Prado Sampaio ou, simplesmente, Professor Sampaio. Em dezembro de 2000, no encerramento da Reunião Anual dos Dermatologistas do Estado de São Paulo, foi aclamado por unanimidade como “Dermatologista do Século”.

Sua história pessoal e profissional é uma aula de vida.

E uma das formas de defini-lo é: esperou passar o dia do médico para, então, dar seu último suspiro.

João Sampaio de Almeida Prado

Psiquiatra

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)]

Cinematca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.